



# O FEMINIL NOS TERREIROS DE XANGÔ: UM ESTUDO DE GÊNERO.

Nadijja Carmo Domingos da Silva<sup>1</sup>

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zuleica Dantas Pereira Campos<sup>2</sup>

## RESUMO

A organização básica de um terreiro de Xangô se estrutura em torno do pai e/ou da mãe de santo, o babalorixá e a yalorixá respectivamente. É a partir deles que se estabelece a hierarquia do mesmo. Eles assumem os papéis de sacerdotes das cerimônias em que o gênero determinará as tarefas dentro da religião. As mulheres exercem as mais diversas atividades. Em suma elas são as responsáveis pela administração do espaço religioso. Contudo, não estão restritas apenas a um plano espiritual, também estão ligadas à saúde, às artes e a perenização da cultura popular e, vêm contribuindo profundamente para a reconstrução da identidade negra no Recife. Deste modo, no presente estudo procuramos, através de uma literatura especializada na temática religiosa afro-brasileira, analisar as lideranças femininas, nos cultos afro – brasileiros, destacando o papel desempenhado pelas mulheres dentro do terreiro, as estratégias que elas utilizam para exercer as suas lideranças nessas religiões onde o feminil tem um dos fundamentos mais importantes do Candomblé, o culto à vida. “... se não tivesse a mulher dentro do candomblé não podia ser uma coisa boa... O Candomblé não podia existir” (MADALENA *apud* MENEZES, 2005, P. 26). E por fim procuramos entender a participação feminina nas suas práticas de resistência contra a diluição de seus costumes e para não sucumbir à ignorância alheia. As Yalorixás não estão restritas apenas a um plano espiritual, elas estão ligadas à saúde, às artes e a perenização da cultura popular e, vêm contribuindo efervescentemente para a reconstrução da identidade negra no Recife, além de difundir sua religião ao mundo através do maracatu.

**PALAVRAS – CHAVES:** Yalorixás, participação feminina, religiões afro-brasileira, identidade.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco e bolsista PIBIC pela mesma instituição – UNICAP- [nadijjacarmo@yahoo.com.br](mailto:nadijjacarmo@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Professora adjunto 4 do curso de história da UNICAP – [Zuleica@unicap.br](mailto:Zuleica@unicap.br)



Toda religião possui sua carga de misticismo, o que não é diferente das religiões africanas, introduzidas no Brasil, durante o período escravocrata. Durante algum tempo, elas não faziam grandes distinções da religião católica lírica trazida pelos portugueses para cá. Segundo Gilberto Freyre, o próprio catolicismo do português não seria necessariamente menos “pagão”. Com efeito, diz ele:

[...]o resíduo pagão característico trouxera-o de Portugal o colonizador branco no seu cristianismo lírico, festivo, de procissões alegres com as figuras de Baco, Nossa Senhora fugindo para o Egito, Mercúrio, Apolo, o Menino-Deus, patriarcas, reis e imperadores dos ofícios; e só no fim o Santíssimo Sacramento. Não foram menos faustosas nem menos pagãs as grandes procissões no Brasil Colonial. Froger notou na de Corpus Christi, na Bahia, músicos, bailarinos e mascarados em saracoteios lúbricos.(1995, p. 249)

Devido às misturas étnicas dos escravos que vieram para o Brasil, a religião oriunda dos afro-descendentes não permaneceu pura, sofrendo grandes reajustamentos, miscigenações e modificações; ou seja da igreja católica, de outras tribos e do Kardecismo respectivamente. Processo que Stuart Hall chama de tradição - tradução e que consiste em uma tradição cultural que por algum motivo para não se esfacular se traduz em outra cultura parecida e mais próxima a ela evitando assim que seja sepultada.

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo a várias “casas”. ( 2006, p. 88-89)

Deste modo, temos como resultados dessas influências na religião dos afro - descendentes:

- 1- A religião católica fará com que ocorra o sincretismo dos orixás com os santos católicos numa tentativa dos afro - descendentes de reajustar-se as exigências do branco colonizador e também de não esfacular sua cultura<sup>3</sup>;

---

<sup>3</sup> É essencial visualizar que fenômenos religiosos são parte integrante de todas as culturas desde os povos primitivos até os ditos pós - modernistas.



- 2- Outras tribos, sabe-se hoje que devido ao esquema do tráfico negreiro em que escravos da mesma etnia eram enviados para diferentes regiões numa tentativa de melhor dominação fez com que os escravos de diferentes tribos ou nações acabassem por se unir geralmente em torno da nação mais forte o que ocasionou num processo de tradução<sup>4</sup> de suas diversificadas culturas em torno de uma mais “forte”;
- 3- E por fim a influência do espiritismo kardecista que viria posteriormente a originar a umbanda<sup>5</sup>. “A umbanda pertence ao grupo dos cultos de possessão, onde o sobrenatural faz-se presente e sensível através do transe, quando então o “rumor de anjos” – mensageiros de deus, ou sinais – torna-se mais forte”. (MAGNANI, 1986, p.11)

A umbanda realmente contém elementos da religião católica e do espiritismo, de cultos trazidos ao Brasil pelos escravos, além de alguns de duvidosa inspiração indígena. [...] A umbanda certamente não é uma espécie de degeneração de antigos cultos africanos ou do espiritismo kardecista. É, sim, o resultado de um processo de reelaboração, em determinada conjuntura histórica que no interior de uma nova estrutura, adquirem novos significados. (MAGNANI, 1986, p. 13)

É importante perceber que esses três fatores acabaram por deflagrar na religião afro-brasileira tal qual a conhecemos.

Tradições que parecem ou alegam serem antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas. Tradição inventada significava um conjunto de práticas..., de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica a continuidade com o passado histórico adequado. (HALL, 2006, p. 54)

A organização básica de um terreiro<sup>6</sup> de Xangô se estrutura em torno do pai e/ou da mãe de santo, o babalorixá e a yalorixá, respectivamente. E é a partir deles que se estabelece a hierarquia do terreiro de acordo com o grau de importância de seus membros estando diretamente relacionado com o tempo de iniciação. Eles assumem no terreiro os papéis de sacerdotes das cerimônias em que o gênero determina suas tarefas dentro da religião. Tanto o papel do homem quanto o papel da mulher nessas religiões são equilibrados.

No presente artigo procuramos, através de uma literatura especializada na temática religiosa afro-brasileira, analisar as lideranças femininas, nos cultos afro-brasileiros,

<sup>4</sup> O termo tradução significa transferir, transportar entre fronteiras.

<sup>5</sup> A umbanda é uma das divisões das religiões afro - brasileiras.

<sup>6</sup> Estrutura física onde se realizam as cerimônias.



destacando o papel desempenhado pelas mulheres dentro do terreiro, as estratégias que elas utilizam para exercer as suas lideranças nessas religiões. E por fim procuramos entender a participação feminina nas suas práticas de resistência.

Em terreiros que existe a presença do pai de santo e da mãe de santo, os babalorixás assumem uma posição ligeiramente superior à da mãe de santo. Segundo Cléo Martins (BA) em entrevista concedida a Maria Salete Joaquim lembra que “a figura do pai-de-santo machão não é difundida no Candomblé, mas sim o lado feminino do homem.” (JOAQUIM, 2001 *apud* FERRETTI, 2001, p. 13)

A partir daí começo a explicar as lideranças femininas nessa religião. Onde o feminil<sup>7</sup> tem como um dos fundamentos mais importantes do Candomblé, o culto à vida. Já tendo dito isso a mãe de santo Dona madalena em entrevista a Lia Menezes: “... Se não tivesse a mulher dentro do Candomblé não podia ser uma coisa boa... O Candomblé não podia ser como é. Não podia existir.” (MADALENA *apud* MENEZES, 2005, p.26)

Em terreiros em que coexistem o pai e a mãe de santo, cabe ao pai de santo marcar os dias das cerimônias públicas ou privadas, o jogo divinatório, a direção geral dos grandes rituais e cultos, e realizar a maior parte das oferendas aos deuses, entre elas, o sacrifício<sup>8</sup> dos animais. A mãe de santo se ocupa da arrecadação para os rituais, da preservação do espaço físico do terreiro, de certas partes da cerimônia de iniciação e da disciplina dos integrantes do terreiro, que lhe são inferiores em categoria hierárquica. Podendo, na ausência do babalorixá, realizar o jogo divinatório ou dirigir o culto, porém sem realizar o corte, para isso deve ser designado um axogúm<sup>9</sup>.

A prática ortodoxa requer uma mãe (mãe de Santo, yalorixá) em cada casa, que, no Recife, em geral representa figura nitidamente secundária em comparação com o pai. A mãe se comporta como representante do pai na maior parte das atividades afeitas a este último, mas não o substitui nas matanças. (MOTTA, 1982 *apud* CAMPOS, 1994, p.65-66.)

De acordo com a tradição afro - brasileira as mães de santo não devem realizar o sacrifício ou quando se encontram menstruadas não devem entrar no pegi por isso são designados ajudantes – os axogúm – sempre de sexo masculino para exercer as funções que elas estão impossibilitadas de executar ou por causa da própria tradição ou devido a sua condição feminina, em alguns casos as mulheres esperam “virar homem”, ou seja, quando não

<sup>7</sup> O feminil segundo a cultura Yorubá tem a tarefa de passar os fundamentos religiosos, de interceder sobre o destino dos seus filhos e iniciá-los na seita.

<sup>8</sup> O mesmo que sacrifício ou matança.

<sup>9</sup> Homem encarregado das funções que as mulheres, de acordo com a tradição, não podem executar, atualmente eles são responsáveis apenas do sacrifícios aos orixás.



mais menstruam, para se tornar mãe de santo ou podem recorrer ao uso constante de medicamento que as evite de menstruar. Percebemos um ajustamento da mulher à tradição o que Stuart Hall chama de “ajuste ou complementaridade entre “o eu” e o sistema social”. (2006, p. 32)

Muito diferentemente em terreiros em que não existe essa coexistência cabe a yalorixá todas as decisões que caberiam ao pai de santo excetuando-se o corte que como já foi dito fica a cargo do axogúm.

A posição feminina mais elevada depois da yalorixá é a da mãe pequena cujas tarefas vão desde o auxílio as mães de santo, o supervisionamento do cozimento das oferendas, até a fiscalização da conduta das filhas de santo durante as danças rituais. Logo após a mãe pequena ficam as iabás, iniciadas no culto, cuja função é cuidar das filhas em possessão. Para fiscalizar a conduta dos possessos do sexo masculino, também são designados iniciados, que desempenham papel semelhante ao das iabás, contudo não existe um nome específico para eles.

Mas as articulações femininas não se restringem apenas ao plano espiritual. As Yalorixás assim como grande parte das mulheres, detêm a responsabilidade de chefes de casa e do sustento da família - a matrifocalidade<sup>10</sup>, estão ligadas à saúde, às artes e a perenização da cultura popular. As Yalorixás recifenses ganharam o mundo através de seus esforços para não sucumbir à diluição de seus costumes. Contribuíram efervescentemente para a reconstrução da identidade negra no Recife e principalmente no Brasil. Recontando uma história de raízes muito profundas e complexas que Gilberto Freyre apenas citou em Casa Grande e Senzala essas mulheres buscaram também uma integração com os descendentes de seus povos de origem e com outros terreiros além da difusão de sua religião ao mundo através do maracatu.

Mãe Santa juntamente com Iaiá, Sinhá e Badia conseguiram sacramentar aqui em Pernambuco a Noite dos Tambores Silenciosos, um ritual (de aparência folclórica), que teve início ainda no período dos governos militares na festa de carnaval na igreja Rosário dos Homens Pretos para honrar seus antepassados. Atualmente a cerimônia é realizada no pátio do terço.

---

<sup>10</sup> Segundo Scott a matrifocalidade é uma complexa rede de relações montadas a partir do grupo doméstico no qual, mesmo com a presença do homem na casa, se apresenta favorecida sua fração feminina. Isto se traduz em laços mais solidários entre mãe e filho, do que entre pai e filho, incluindo escolha de residência, identificação de parentes conhecidos, trocas de favores e bens, visitas, etc., todos mais fortes pelo lado feminino. Explica-se também, na provável existência de manifestações culturais e religiosas que destacam o papel feminino. (SCOTT, 1990 *apud* CAMPOS, 1994, P. 64)



Outra contribuição importante é a continuidade da nação Xambá, que foi introduzida no recife por Arthur Rozendo Pereira no início dos anos 20, quando de seu falecimento deixou inúmeras casas abertas tendo muitas se tornado Nagô, com exceção das casas de Mãe Lidia Alves e Mãe Biu do Portão do Gelo, em especial a última que viria a perpetuar através do Terreiro de Santa Bárbara o Xambá. “Uma mulher forte e guerreira que com muita simplicidade conseguiu manter acesa a força Xambá no Estado”. (MENEZES, 2005, p.41)

Essas religiões possuem um complexo grau de serviços nos quais o gênero determinará tarefas exclusivas à condição de masculino ou feminino. Todas essas tarefas se fundem e se tornam essenciais de modo que todas sejam de mesma importância para o cotidiano do terreiro e em momentos de festividade.

<b>Atividades exercidas dentro do terreiro</b>		
Serviços ou funções	Homens	Mulheres
Musica instrumental	✓	
Confecção e preservação dos instrumentos	✓	
Olossã <sup>11</sup>	✓	
Cozinhar		✓
Confecção das indumentárias		✓
Iá efum <sup>12</sup>		✓
Jogo divinatório	✓	✓
Musica vocal	✓	✓
Sacrifício	✓	
Arrecadação de contribuição		✓
Dirigentes	✓	✓

De acordo com o quadro homens e mulheres possuem atividades diversificadas e que em sua maioria são exclusividade do gênero ao qual pertencem. É importante entender que essas atividades tão simples ganham riqueza e significado no contexto ritualístico do Candomblé.

<sup>11</sup> Encarregado pelo conhecimento indispensáveis das folhas para o uso litúrgico e para o uso medicinal.

<sup>12</sup> Mulher encarregada das pinturas corporais nos rituais de iniciação religiosa.



Cozinhar nos terreiros é alimentar os orixás, cujos alimentos ofertados devem estar relacionados com sua própria história, o alimento fortalece o axé do terreiro. Assim, o espaço consagrado à cozinha é tão fundamental e sagrado quanto o próprio peji<sup>13</sup>.

Não é somente imprescindível saber o preparo dos pratos, mas entender o arranjo que eles devem orquestrar de acordo com o deus para o qual será ofertado criando uma linguagem que será decodificada pelo orixá ficando este feliz e para por fim, uma vez alimentado, fortalecer o axé<sup>14</sup>. “Entender da comida, decodificar cada ingrediente, oferecer, provar, nutrir, são alguns dos caminhos que o candomblé segue na aliança permanente com a ação de alimentar, fortalecer e manter vivos deuses e homens”. (LODY, 1987, p.54)

A confecção da indumentária está intrinsecamente relacionada com o orixá de cada adepto, seu tempo de iniciado e sua posição dentro do terreiro; assim é importante conhecer cada detalhe das vestimentas, pois estas associam ao orixá do qual o adepto tem sua cabeça feita e o seu nível de iniciação. As responsáveis pela indumentária devem conhecer os materiais, texturas e cores de cada orixá, bem como as variações referentes ao tempo de iniciado para que as roupas estejam de acordo com a tradição.

Está com as mulheres o conhecimento das indumentárias e suas confecções, incluindo costuras e bordados, entre eles o richelieu; preparação de fiós de contas, diloguns (conjunto de dezesseis fios de contas), quelês (fio de conta, símbolo do noviço), rungeves (fio de conta, símbolo de alto status religioso), braçadeiras (trançados em palha-da-costa) e xumbetás feitos de trançados de palha-da-costa, búzios e contas, entre muitas outras especialidades.

A famosa roupa de baiana, um exemplo de roupa básica, é tradicionalmente branca e apresenta adornos em ouro e prata; e é no turbante também branco com trabalhos em diferentes cores que é possível distinguir o orixá do adepto. Outra peça dessa veste é o pano - da - costa ou o pano - de - cua que é utilizado pendendo em um dos ombros, ou como a um xale, ou ainda sobre o busto. Os colares aparecem na vestimenta em quantidade e em qualidade e são feitos em fios de conta ou em fios de miçangas e com as cores referentes aos orixás do terreiro. Existem ainda correntões em ouro, prata e cobre com os mais diversificados pingentes que irão refletir importância daquela mulher dentro do Candomblé. Os brincos variam em diferentes formatos.

Vale ressaltar que no Candomblé existem inúmeras outras roupas de estilos e cores os mais diferenciados e como já foi dito, estarão relacionadas com os orixás que o adepto tem

<sup>13</sup> Espaço sagrado, em sua maioria um quarto, em que são guardados os orixás do terreiro.

<sup>14</sup> Força do terreiro.



sua cabeça feita bem como o tempo e a importância que detêm, nesse contexto a roupa de baiana corresponde a uma peça de roupa básica que a mulher deve ter.

Já na Umbanda a cor das roupas é predominantemente branca, não faltando colares de todas as cores, chapéus de couro, de palha e vistosos cocares.

Outra tarefa muito particular é a da Iá efum, mulher encarregada das pinturas corporais nas iniciações religiosas. Ela deve saber todos os detalhes, como cores e desenhos, para identificar visualmente o noviço e seu deus tutelar.

Outro aspecto significativo é o da consulta periódica aos deuses através do jogo divinatório, segundo Ribeiro:

Os seguintes sistemas são conhecidos: 1) lançar os obi ou semente de cola; 2) jogar quatro, oito ou dezesseis buzos chamados dologun; 3) jogar o opele ou o rosário de cocos de dendê; 4) “bater” vinte - e - cinco mariscos ou jogo de Oba; 5) jogar as duas metades de uma cebola; 6) vaticinar pelo exame das vísceras dos animais sacrificados, do sangue recolhido durante os sacrifícios, “olhar” o copo d’água, “deitar” cartas de baralho, interpretar “o recado da rua”, os sonhos dos fieis e consulantes e outros processos vários. (1978, p. 90)

Entre os citados o popular é o jogo de buzos ou búzios, tarefa tradicionalmente masculina, hoje é realizada também por mulheres. Geralmente a mãe de santo que deveria consultar um sacerdote especializado – no caso o seu axogúm – sabe jogar búzios e realiza a consulta divinatória sem a interferência masculina, excetuando-se em sua ausência seu axogúm é permitido a realizar a consulta. É importante saber que os jogos divinatórios têm papel essencial no Candomblé. Pois em varias ocasiões o sacerdote ou a sacerdotisa recorrem a ele quer pela tradição que para iniciar um ritual ou uma cerimônia eles devem perguntar aos orixás se a cerimônia pode ser iniciada, quer para ajudar na receita dos terreiros.

Nas funções relacionadas à música é tarefa restrita aos homens a música instrumental, contudo os homens podem dividir a música vocal com as mulheres em geral ou, conforme algumas nações, com a iá tebexé, cargo feminino ocupado pela responsável exclusiva pelo canto litúrgico público e privado. A mulher deve cantar, iniciando os rituais, ou apenas acompanhar as cantigas iniciadas pelos ogãs músicos.

As mulheres, tradicionalmente, conseguem dinheiro com venda de alimentos nas ruas – as famosas baianas –, oferecendo, nos seus tabuleiros, quitutes básicos à base de azeite-de-dendê, o mais conhecido é o acarajé, além de doces feitos de milho, como o lelê, e cocada branca, cocada-puxa, entre outras. Também existem em grande número as costureiras, bordadeiras que em alguns casos podem bordar o richelieu – um bordado que além de muito



conhecido devido ao seu alto valor comercial lhes rende altos lucros – e empregadas domésticas. Além disso, cabe a elas angariar fundos para a realização das cerimônias.

Como já foi dito os cargos máximos dentro do terreiro são de mãe de santo e pai de santo. Em terreiros em que coexistem esses dois sacerdotes, o pai de santo irá possuir uma função ligeiramente superior a da mãe de santo. A distribuição das tarefas de mando, historicamente, deu-se por disponibilidade e não por exigência das hierarquias: pois as mulheres dividiam o tempo com os afazeres domésticos e com a roça, saíam de casa para uma dedicação exclusiva ao terreiro. Assim, a mãe de santo encarrega-se da maior parte das responsabilidades na administração, juntamente com as outras mulheres da comunidade, que também ocupam uma posição de privilégio. Estas constituem filhas de santo muito antigas da casa.

Como tais mulheres executam a maior parte das tarefas necessárias à manutenção do terreiro, resta ao *pai de santo* dar a palavra final nas decisões relativas às datas e hora para a realização dos grandes rituais. Assim, as atividades menores da casa não precisam da aprovação do pai de santo. (CAMPOS, 1994, p. 67)

No caso dos terreiros em que só existe a mãe de santo, esta assumirá todas as funções imprescindíveis para a administração do terreiro. Designando um axogúm que deverá executar as atividades que pela tradição ela está impossibilitada de realizar.

Desta forma, podemos concluir que:

Os afro-descendentes, ao chegarem no Brasil, sofreram um longo processo de reajustamentos, que fez com que sua religião não permanecesse pura. Assim, teremos como resultado dessa redescritção o sincretismo religioso, as junções de diferentes culturas e por fim a umbanda.

Num Terreiro tradicional de Xangô as atividades, em sua maioria são exclusivas de cada gênero. Os cargos máximos de dirigentes são do pai de santo e ou da mãe de santo e é a partir deles que se estabelece a hierarquia.

Em terreiros em que estes dois dirigentes estão presentes o pai de santo possui maior prestígio que a mãe de santo. Assim, é fácil perceber que as mulheres realizam a maior parte das atividades importantes para a sua manutenção. Muito diferentemente, quando existe apenas a presença da mãe de santo cabe a ela toda a sua administração, com a exceção das



atividades que ela tradicionalmente não pode realizar para isso é designado um axogúm, vale salientar que atualmente as mulheres só não realizam o corte.

Outro ponto importante é que algumas das atividades realizadas pelas mulheres parecem, a um olhar mais superficial, um tanto quanto simples, porém é importante entender que essas atividades tão simples ganham riqueza e significado no contexto ritualístico do Candomblé.

### REFERÊNCIAS

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **O Terreiro Obá Ogunté: parentesco, sucessão e poder.** 1994. 150 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

\_\_\_\_\_. A presença feminina nas relações afro-brasileiras e a face feminina de Deus. **Cadernos CCS**, Recife, v. 2, n. 2, p. 111-121, jul. 1997.

\_\_\_\_\_. Perseguida por Agamenon Magalhães: marcas de memória de uma mãe-de-santo pernambucana. **Symposium**, Recife, v. 3, p. 65-70, dez. 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.; PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. **Os métodos da história: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social.** Rio de Janeiro: Graal, 1979. 528 p.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** 13. ed. Campinas: Papyrus, 2006. 143 p.

FERRETTI, Mundicarmo. **Matriarcado em terreiros de mina do Maranhão: realidade ou ilusão?** Revista de ciências humanas Viçosa, vol. 1, n. 1, p.11-18, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal.** 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

LODY, Raul Giovanni Da Motta. **Candomblé: Religião e resistência cultural.** 1. ed. São Paulo: Ática, 1987. 85 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda.** 1. ed. São Paulo: Ática, 1986. 64 p.

MENEZES, Lia. **As Yalorixás do Recife.** Recife: funcultura,2005.146p.

RIBEIRO, René. **Cultos afro-brasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social.** 2. ed. Recife: MEC/IJNPS, 1978. 160 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p

ROSA, Laila Andresa C. **As juremeiras da nação Xambá: religião, música e poder.** Salvador: UFBA, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26888.pdf>>. Acesso em: 10 de jan de 2009.



## IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade  
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

BIRMAN, Patrícia. **Transas e transes:** sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo. Rev. Estud. Fem. vol.13 no.2 Florianópolis Maio- Agosto, 2005. Disponível em:[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000200014&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000200014&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 11 de jan de 2009.